



## “É UMA COISA QUE VOCÊ TEM QUE CONSTRUIR”: INVENÇÕES, TRANSGRESSÕES E TERRORISMOS NAS RESISTÊNCIAS AO BINÁRIO DE GÊNERO

Neilton dos Reis<sup>1</sup>  
Leandro Leal<sup>2</sup>

### Resumo

Esse trabalho emerge a partir de reflexões de duas pesquisas de doutorado em educação em andamento que buscam pensar as questões relacionadas à transgressão ao binário gênero (feminino/masculino) em um diálogo com as filosofias da diferença. Como metodologia para as pesquisas nós utilizamos a produção de narrativas com pessoas que intentam essa transgressão. Nosso objetivo nesse artigo é refletir, a partir das narrativas, sobre políticas de resistência que podem funcionar como máquina de guerra na tentativa de redução da precariedade dessas vidas. Assim, construímos um diálogo entre diferença e invenção de si para ampliar os debates acerca do gênero nas (necro)políticas atuais.

**Palavras-chave:** Resistência. Não-binaridade. Gênero. Precariedade.

### Introdução


Este texto se configura pelas provocações e desdobramentos de duas pesquisas de doutorado em Educação em construção, que investe na potencialidade de encontrar com sujeitos que não fixam suas experiências de gênero em identidades binárias (*ser mulher* ou *ser homem*), mas que intentam se movimentar através da diferença. Trabalhamos em uma pesquisa com a produção de narrativas de pessoas que se identificam com a não-binaridade de gênero e em outra pesquisa com a produção artística de Linn da Quebrada. Nesse texto intentamos um diálogo acerca dessas narrativas para pensar resistência, invenção de si e as tentativas de redução de precariedade da vida.

Foram três os sujeitos que encontramos – todos residentes em Juiz de Fora, Minas Gerais – e que conversamos em dois ou três momentos individuais que dizem da não-binaridade de gênero. As três pessoas são chamadas nesse trabalho como Elfo, Irene e Netuno – nomes fictícios. As conversas giraram em torno de 1h e 30min, foram gravadas em áudio e transcritas integralmente. As narrativas de Linn da Quebrada foram retiradas de entrevistas que se encontram públicas na internet.

<sup>1</sup> Doutorando em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, neilton.dreis@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Educação, Universidade Federal de São Carlos, leandroleal@live.com





Dentre as questões que levantamos nesse texto, ressaltamos uma: como as experiências de invenção de si narradas por esses sujeitos podem funcionar como máquina de guerra que se dirige contra as normas binárias de gênero e promovem resistência? Para tal, recorreremos ao diálogo com as filosofias da diferença e estudos decoloniais. O texto está dividido em três partes: essa introdução, na qual apresentamos a temática central do trabalho bem como seus aportes metodológicos; em seguida passamos ao diálogo com as narrativas de Linn, Elfo, Irene e Netuno; e finalizamos com algumas considerações gerais pertinentes aos assuntos discutidos.

### **“Colocando o meu corpo como arma”: invenção e resistência**

Encaramos as narrativas que apresentaremos aqui (bem como nossas próprias pesquisas em si) na intencionalidade de uma máquina de guerra. Como Deleuze e Guattari apontam, “uma máquina de guerra está dirigida contra o Estado, seja contra Estados potenciais cuja formação ela conjura de antemão, seja, mais ainda, contra os Estados atuais a cuja destruição se propõe” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 16). Quando Elfo, Irene, Netuno e Linn não pretendem (como também nós não pretendemos) resolver problemas da norma de gênero ou mesmo questões educacionais do Estado, mas indicar para a insuficiência dessas matrizes para se pensar a formação do sujeito e as experiências de gênero, percebemos dentro dessa perspectiva.

Tudo isso nos faz pensar: como opera essas máquinas de guerra no cotidiano de resistência? O que pode essa máquina de guerra na Educação? Que tremores a transgressão ao binário de gênero provoca (seja em uma escola, seja em um artefato cultural, seja alguma outra instituição, seja nas relações em um bar)? As narrativas construídas por Elfo, Irene e Netuno nos dão algumas dicas dessas provocações: quando dizem de confusões, desconfortos e desajustes.


**Neilton:** E como são as suas tentativas de tentar não se rotular? Em quais espaços você já tentou isso? Como funciona isso?

**Elfo:** Sim, eu já fiz. Às vezes eu vou em encontros com minha. Minha mãe participa do UNEGRO e do FLOPI. Aí às vezes eu só dou meu nome. Tem lá “sexo”, aí eu risco. Eu não ponho nem um, nem outro.

**Neilton:** E como que as pessoas reagem?

**Elfo:** Algumas olham pra minha cara, tipo [*expressão de incompreensão*]. Aí eu falo: “não me rotulo, pense o que quiser de mim”. Aí minha mãe às vezes tá perto e fala: “ah, minha filha é assim mesmo”. Aí então existem momentos assim fáceis. Eu não tenho essa





questão de “ah, então você é masculino ou feminino?”. Aí no meu exame de sangue minha médica colocou *masculino* e pediu exame que é feito pra ver hormônio feminino e pra ver a lactase. Aí a moça olhou pra minha cara assim, tipo, “o exame é pra você?”. Aí eu: “É”. Aí ela: “ah, sua médica colocou errado né?”. Eu disse “o que? Ela pediu o exame errado?”. Aí ela “não, colocou *masculino*”. Aí a outra moça cutucou ela e falou “é isso mesmo”. Porque a outra moça já me conhece há muito tempo. Aí então tipo, nesse laboratório meu nome eles chamam certo. Eles não falam tipo “Senhora fulano”, “senhor fulano”. Eles me chamam pelo nome. Então eles não me definem. Então é uma coisa que você tem que construir sabe. É difícil? É. Mas eu acho que se você nunca tentar, você nunca vai saber como que vai ser.

(Elfo - Conversa 3)


**Neilton:** E esse momento de confusão das pessoas não conseguirem nomear se é menino ou menina, acontece muito?

**Elfo:** Acontece e eu adoro! Principalmente porque agora eu comecei... assim, algumas pessoas já me chamavam de Ori, e eu adotei também Ori. É o que eu falei: quando eu tô com uma roupa mais masculina, aí eu entro numa loja e fala “ah, oi senhor, tudo bem meu jovem?”; aí quando eu falo, “ah, desculpe”. E eu morro de rir. Até mesmo no hospital quando eu tive dengue – minha mãe ficou pra morrer. Olha só: eu tava com uma blusa que era mais colada, mas eu estava com um bermudão. Eu tava mal, deitada na cama e tal. Aí a enfermeira virou pra minha mãe e falou assim “eu vou fazer a coleta de sangue do seu filho”. Eu olhei pra minha mãe e minha mãe falou assim “ahhhta”. Aí ela veio “nossa tadinho do seu filho, tá com uma carinha tão abatida e tal”. E ela ficou calada. Aí eu comecei a rir. Aí eu disse assim “Mãe, você tem um filho gay, só pode! Porque com essa blusa”. Aí minha mãe começou a rir: “não começa que eu te deixo aqui e vou embora”. Aí a moça pegou e falou pra ela que não era *ele*, que era *ela*. Daí na hora que ela veio de novo colher o sangue, ela começou a falar “aqui, e...e...ele...ela...e...e... eu vou colher seu sangue”. Então assim, eu me divirto. Eu acho o máximo. Eu acho que, sei lá, ninguém precisa saber. Eu acho bacana isso. Eu acho legal. Eu acho que o que importa é o respeito, sabe. Agora se vai ser ela... ou se não vai ser nada...

(Elfo – Conversa 1)

Refletimos sobre as narrativas de Elfo a partir das proposições de Beatriz Ferreira Pires (2003) que localiza o prazer não apenas na produção do corpo, mas também na verificação das reações que essa construção causa ao outro. É interessante pensar que a diferença de gênero pode não ser desestabilização apenas para Elfo, mas também para muitas pessoas que estão ao redor. Encontros que se fazem de experiência – seja para Elfo, para sua mãe, ou mesmo para a enfermeira, a recepcionista do laboratório ou o atendente da loja de





roupas. A multiplicidade se expressa: cada encontro, cada pessoa, cada corpo, cada momento poderá ser de (des)subjetivação, um novo repensar a diferença, a identidade, o gênero de si e do outro. São processos de (des)(re)construção contínuos, não se encerram nos processos de diferenciação, de identificação ou de encantamento, mas se reiteram nos cotidianos, nas negociações, nos prazeres e nos desconfortos.

O encontro com a diferença provoca desestabilizações, confusões. Como aponta Suely Rolnik, essa desestabilização pode nos colocar a exigência de criarmos um novo corpo (um novo modo de sentir, de pensar, de agir) que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados - ou seja, a cada vez que encarnamos uma diferença – nos tornamos outros (ROLNIK, 1994, p. 161).

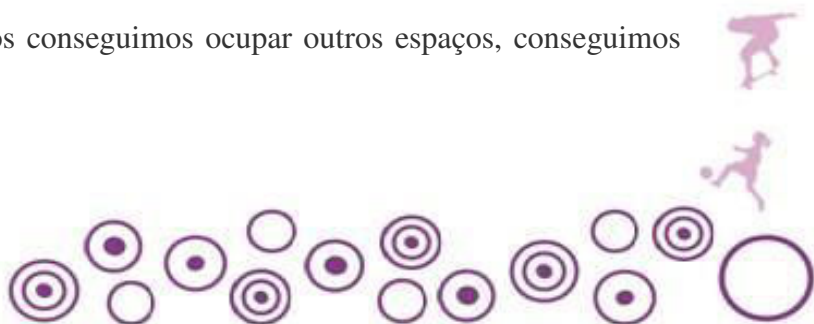
E é justamente nesses processos sempre reiterados de diferenciar-se, tornar-se outro que as experiências de transgressão vão desestabilizar também as experiências binárias e o que as normatiza. A matriz de normas de gênero não sai ilesa desses encontros, dessas confusões. Ela é repensada por cada sujeito, colocada em cheque, engasgada: *“aqui, e...e...e...ele...ela...e...e... eu vou colher seu sangue”*. É um pouco do que Linn da Quebrada vai salientar em sua resistência:


### **REVISTA: O que é terrorista de gênero?**

LINN: Eu lancei essa ideia porque eu acho que a violência da sociedade com alguns corpos, corpos como o meu, pretos, transviados, de quebrada, essa violência está posta. É necessário responder também com terror, com agressividade, colocando o meu corpo como arma, como protesto, manifesto, como pólvora diante desse sistema que é violento cotidianamente.

### **REVISTA: Eu penso, antes de tudo, que o “choque” é mais consequência e não causa do conservadorismo. Como é viver no Brasil e na zona leste nos últimos anos?**

LINN: Exatamente. Ele é resposta. Essa violência, essa opressão, não só na zona leste, mas em toda a São Paulo, nos territórios por onde eu passei, sempre existiu. Essa hostilidade para corpos como o meu, negros, para corpos travestis, corpos trans, corpos pretos, está dada. O que tem mudado é a formação de redes com pessoas que vivem essa mesma situação ou situações semelhantes, estabelecendo parcerias para nos mantermos vivos. Juntas nós conseguimos nos manter mais fortes, nós conseguimos ocupar outros espaços, conseguimos nos proteger. (LINN; TRÓI, 2017).





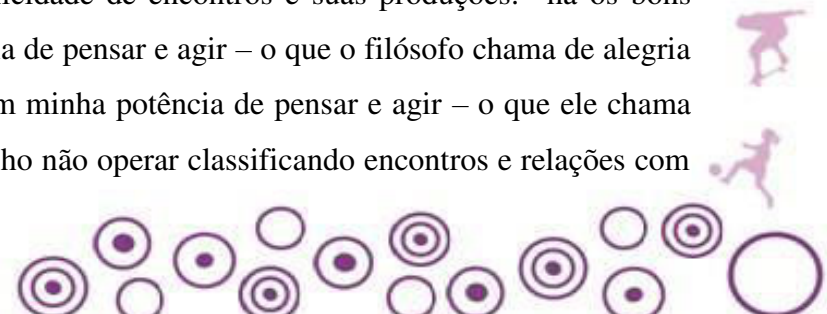
As variadas formas de reação das pessoas vão provocar, em diálogo, várias formas de reação das pessoas que tentam a transgressão: aproximação, afastamento, dúvida e, também, confusão. Linn parece apostar num operar enquanto/na/pela diferença, onde os posicionamentos dualistas são colocados em cheque em prol dos “‘indecidíveis’, isto é, unidades de simulacro, ‘falsas’ propriedades verbais, nominais ou semânticas, que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõe-lhe resistência, desorganizam-na” (DERRIDA, 2001, p. 49-50). Indecisíveis enquanto terrorismo, enquanto resistência, enquanto composição de um sistema rizomático. A invenção de si guardando “consigo o ato de resistir, de inventar uma nova resistência e de criar linhas de fuga que abram brechas nas territorialidades fechadas e dominadas” (SEGURADO, 2007, p. 56). Inventar novas formas de habitar o gênero é, assim, um próprio (re)inventar-se, de resistir e de pensar em outras formas de se movimentar simbólica e socialmente.


Elfo narra experiências de encontro que diz dessas formas outras de habitar:

Igual um dia que eu saí com o André e uma menina chegou em mim: “ah você é tão bonitinho”. Aí eu “André, fala com ela”. Aí ela chegando pro meu lado, pegou o whatsapp. E ela falando “ah, é tão bom ficar perto de você. Posso sentar do teu lado?”. Eu fiquei meio assim e ela: “ah você é tão tímido, não fala quase nada”. E eu “é... só de vez em quando”. Aí eu falei assim “André, você tem que falar com ela”. E ele “não, ela gostou de você”. Porque depois até explicar que focinho de porco não é tomada, vai ser difícil. Aí eu falei com minha terapeuta e ela disse “você acha que ela não desconfiou? Que tem alguma coisa de errado?”. Eu sei lá, porque ela insistiu tanto. E eu não sabia o que fazer. Porque nunca tinha acontecido isso, de uma pessoa chegar e ficar perto de mim, querer ficar, querer... eu não sabia o que fazer. Aí tanto foi que ela perguntou se eu e André, se a gente era um casal gay. Aí eu “hã?!”. Eu respondi “não, nada contra, mas a gente é só amigo”. Então às vezes acontece muito essa confusão, essa coisa de as pessoas não saberem.

(Elfo – Conversa 1)

A confusão que Elfo provoca, quando não ocorre, se faz confusão. Por algum momento é impensável que alguém queria permanecer ao lado, “*nunca tinha acontecido isso*”. A continuidade de afastamentos que a trajetória de vida de Elfo indica é descontinuada por um encontro de presença. Trabalhando *espinosamente* (e, ainda que de forma binária) Sílvio Gallo nos dá indícios da multiplicidade de encontros e suas produções: “há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza” (GALLO, 2009, p. 1). Escolho não operar classificando encontros e relações com





totalidade de “aumentam” ou “diminuem” determinadas potências. Entretanto, é interessante pensar que, na narrativa, se a pessoa que se aproxima não demonstra a consternação de um aumento ou diminuição de potência, é Elfo quem assume esse lugar descontinuado. E agora, a confusão, o “*eu não sabia o que fazer*”, a desestabilização que geralmente provoca é devolvida.

### Considerações finais

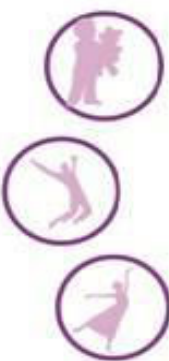
Diferença implica em questionamentos contínuos, desconforto com as verdades rígidas. Um caminho de interrogações, muito mais que de afirmações. O estranhamento que toma o lugar da clareza. A estabilidade, fixidez que é atravessada pela fluidez, pela incerteza, pelo movimento. As transgressões às normas binárias de gênero e as invenções dos próprios corpos, se pensadas enquanto diferença, estarão no trânsito, na fronteira – vibrando pra a desestabilização desses limites.

No campo da Educação, pensar junto ao conceito de invenção e máquina de guerra é potente por sinalizar que não pretende-se criar formas, métodos, soluções ou receitas, mas justamente focar nos devires que estão nos meios dos processos educativos. Pretender-se máquina de guerra é coexistir com a máquina de controle do educar (para o gênero, também). É, de dentro da área da Educação “opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades” (GALLO, 2002, p. 176). É construí problemas de pesquisa e discussões que vão minando, desteritorializando, retirando os órgãos, rizomatizando.

### Referências

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1227–Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra e 7000 AC–Aparelho de Captura. **Mil platôs**. São Paulo: Ed. 34. 1997. v. 5.
- DERRIDA, Jacques. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.
- GALLO, Sílvio. "Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença." **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2009.
- PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da arte. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 6, n. 1, p. 76-85, 2003.





ROLNIK, S. Cidadania e alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. *In*: SPINK, M.J. P. (Org.) **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994. p. 157-176.

SEGURADO, Rosemary. Por uma estética da reexistência na relação entre arte e política. *In*: CHAIA, M. (Org.). **Arte e política**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007. p. 41-58.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

